

LINGUAGEM NEUTRA: UMA ESCRITA IMPESSOAL, NÃO EXCLUSIVA

NEUTRAL LANGUAGE: IMPERSONAL, NON-EXCLUSIVE WRITING

LENGUAJE NEUTRO: ESCRITURA IMPERSONAL, NO EXCLUSIVA

Cristiane Pereira dos Santos¹

Glauce da Silva Guerra²

Marcella Feitosa dos Santos³

Mayara Benício de Barros Souza⁴

RESUMO

A linguagem e, conseqüentemente a comunicação, são ferramentas decisivas e presentes na vida da humanidade. Entende-se que a linguagem desempenha um papel indispensável para o entendimento do mundo. Este trabalho mostra um estudo que aborda conceitos ligados a linguagem e comunicação, apresentando como tais ferramentas são essenciais para a construção de uma cultura igualitária, inclusiva e não-sexista. O objetivo desse projeto é proporcionar igualdade através da linguagem, principalmente a igualdade de gênero, tendo em vista que palavras para denominar a coletividade são postas com a figura do homem como única e genérica. Além disso, pretende-se gerar discussões acerca desse tema, ou seja, disseminar assuntos a respeito da linguagem como ferramenta de inclusão e de reconhecimento feminino. Na metodologia, foram realizadas leituras de materiais sobre o tema, encontros ao vivo pela plataforma YouTube com convidadas especializadas e convidado experiente em linguagem de gênero e linguagem inclusiva, respectivamente. Foram produzidas postagens via Instagram e relatórios após cada conversa. Dado os números significativos de interações ao vivo, com as postagens via Instagram e visualizações dos vídeos (inclusive gravado) é evidente a necessidade de discussão sobre os temas. Conclui-se que o assunto sobre linguagem de gênero e linguagem inclusiva são abordagens cruciais e indispensáveis.

Palavras-chave: Igualdade; Comunicação; Inclusão.

¹ Discente do Colegiado de Engenharia de Produção (CPRODSAL) na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Campus Salgueiro.

² Professora Assistente do curso de Bacharelado de Engenharia de Produção na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Campus Salgueiro, Colegiado de Engenharia de Produção.

³ Professora de Matemática do Ensino Básico Técnico e Tecnológico no Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da UFRPE (CODA/UFRPE).

⁴ Professora da Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Salgueiro, Colegiado de Ciência da Computação (CCICOMP).

ABSTRACT

Language and, consequently, communication, are decisive and present tools in the life of humanity. It is understood that language plays an indispensable role in understanding the world. This paper shows a study that approaches concepts related to language and communication, showing how such tools are essential for the construction of an egalitarian, inclusive and non-sexist culture. The objective of this project is to provide equality through language, especially gender equality, considering that words to name the collectivity are put with the figure of man as unique and generic. In addition, it is intended to generate discussions on this topic, that is, to disseminate issues regarding language as a tool for inclusion and recognition of women. In the methodology, readings of materials on the topic were carried out, live meetings were carried out on the YouTube platform with specialized guests and an experienced guest in gender language and inclusive language, respectively. Posts via Instagram and reports were produced after each conversation. Given the significant numbers of live interactions, with the posts via Instagram and views of the videos (including recorded), the need for discussion on the topics is evident.

Keywords: Equality; Communication; Inclusion.

RESUMEN

El lenguaje y, en consecuencia, la comunicación, son herramientas decisivas y presentes en la vida de la humanidad. Se entiende que el lenguaje juega un papel indispensable en la comprensión del mundo. Este trabajo muestra un estudio que aborda conceptos relacionados con el lenguaje y la comunicación, mostrando cómo dichas herramientas son fundamentales para la construcción de una cultura igualitaria, inclusiva y no sexista. El objetivo de este proyecto es facilitar la igualdad a través del lenguaje, especialmente la igualdad de género, considerando que las palabras para nombrar a la colectividad se ponen con la figura del hombre como única y genérica. Además, se pretende generar debates sobre este tema, es decir, difundir temas relacionados con el lenguaje como herramienta de inclusión y reconocimiento de las mujeres. En la metodología se realizaron lecturas de materiales sobre el tema, se realizaron encuentros en vivo en la plataforma YouTube con invitados especializados y un invitado experimentado en lenguaje de género y lenguaje inclusivo, respectivamente. Se produjeron publicaciones a través de Instagram e informes después de cada conversación. Dada la cantidad significativa de interacciones en vivo, con publicaciones a través de Instagram y vistas de los videos (incluidos los grabados), la necesidad de discusión sobre los temas es evidente. Se concluye que el tema del lenguaje de género y el lenguaje inclusivo son abordajes cruciales e indispensables.

Palabras clave: Igualdad; Comunicación; Inclusión.

INTRODUÇÃO

A língua em si não apresenta segregação de gênero, mas o uso incorreto dela sim. Sabe-se que a linguagem possui palavras que incluem mulheres e homens sem preconceitos e omissões, mas, na maioria das vezes elas não são usadas. Entretanto, a linguagem também possui o recurso da flexibilidade, isso significa que repensar conceitos pode ser um avanço para que sejam aceitos pela sociedade e representar maior adaptação dessas expressões entre as pessoas. Nessa perspectiva, nota-se que o impasse não está na língua, porém nas amarras ideológicas e na resistência da humanidade em adotar uma nova realidade que não exclua, principalmente, as mulheres dos contextos sociais. Diante disso, entende-se que a linguagem possui um valor simbólico e muitas vezes as mulheres são excluídas e/ou discriminadas porque certas palavras e frases não as mencionam. Nesse sentido, percebe-se a essencialidade da utilização de termos neutros, uma vez que as mulheres também precisam ser nomeadas, respeitadas, protagonistas e vistas de forma igualitária com, por exemplo, a inclusão de palavras neutras como “pessoas” e “humanidade” e a substituição de frases como “comunica-se aos professores e alunos” para “comunica-se ao professorado/corpo docente e discente”. Sendo assim, as pessoas poderão criar o hábito de se comunicar através de vocábulos neutros sem a necessidade de modificar a gramática/língua portuguesa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Desde os primórdios, a sociedade utiliza a linguagem como mecanismo de comunicação. Nesse sentido, levando em consideração a contemporaneidade, é notório que a linguagem também expressa maneira de distinguir o gênero, ou seja, o que pode se enquadrar como feminino e masculino (BORODITSKY *et al.*, 2003; STAHLBERG *et al.*, 2007). Contudo, essa dicotomia pode gerar uma exclusão de gênero e acabar desfavorecendo, principalmente, as mulheres (ANSARA; HEGARTY, 2014).

Em contrapartida, a língua também pode ser entendida como ferramenta de igualdade de gênero e um exemplo disso são questionamentos levantados por movimentos feministas que nos anos setenta, buscavam respostas a respeito de um pronome genérico usado para se referir ao coletivo (MOULTON *et al.*, 1978; MACKAY, 1980; PHILLIPS, 1981; MURDOCK; FORSYTH, 1985). Nesse sentido, a definição de preconceito de gênero abrange ideias, palavras e atos que expressam uma discriminação em relação ao sexo, e que na maioria das vezes as mulheres são afetadas com esses comportamentos e comparações sociais. Todavia, na

tentativa de evitar a distinção de gênero, as pessoas formaram novas palavras com intuito de evidenciar imparcialidade entre o sexo masculino e feminino. Contudo, de acordo com Hyde (1984) a construção de alguns termos que busca expressar neutralidade ainda favorece a figura do homem, tendo em vista que numa pesquisa, crianças frequentemente associavam o termo genérico “eles”, ao sexo masculino. Nessa perspectiva, é evidente a necessidade de criar novas expressões que substituam o preconceito de gênero, mesmo que leve tempo para que as pessoas se adaptem aos novos vocábulos.

Ainda, ressalta-se que a implementação dessas novas palavras pode gerar um desafio, isso porque pronomes, por exemplo, pertencem a um grupo gramatical e moldá-los, representa uma tarefa difícil (PATERSON, 2014), diferentemente dos substantivos ou verbos, que são inseridos no dicionário. Além disso, há também a resistência das pessoas em adotarem novas palavras ao seu vocabulário. Pesquisas indicam que as pessoas, principalmente adultos, preferem viver no sistema atual, ou seja, a situações estáveis (JOST *et al.*, 2004).

Embora haja pouca discussão acerca de uma linguagem justa de gênero, ainda há esperanças para a valorização e investigação desse assunto, pois a juventude está mais suscetível a novas ideias e desafiam os comportamentos sociais tradicionais impostos pela antiguidade (VISSER e KROSNICK, 1998; EATON *et al.*, 2009). A utilização de pronomes neutros também auxilia na compreensão da leitura de pessoas com deficiência visual, isso porque elas usam softwares que ajudam na transmissão da mensagem, e relatos apontam que a expressões como, por exemplo: “tod@s” e “mesmxs” dificultam a interpretação de textos.

METODOLOGIA

Inicialmente, para conhecimento aprofundado sobre linguagem neutra e as suas ramificações, foram realizadas revisões bibliográficas. Posteriormente, foram concedidas publicações semanais via Instagram na página (@sertanejas.insistem) com assuntos diversos, tais como: linguagem neutra, linguagem de gênero e linguagem não- sexista. Ainda, destaca-se que entre o período de vigência do projeto, houveram lives ao vivo no canal “sertanejas insiSTEM” com três convidadas e um convidado, em que a convidada Patrícia Lessa falou a respeito da desconstrução de um legado patriarcal e androcêntrico, a comunicadora especializada em gênero Julia Latorre discutiu a respeito da comunicação de gênero e suas interseccionalidades e por fim, a docente de Ciência da computação Mayara Benício e o graduado em comunicação social Milton Carvalho falaram a respeito da importância de

softwares para pessoas com deficiência visual. Ainda, destaca-se que foi feito um relatório de atividades para descrever os resultados obtidos durante o estudo.

OBJETIVOS

De um modo geral, pretendeu-se auxiliar na propagação, compreensão e utilização da linguagem neutra, inclusiva e não sexista. Para isso buscou-se contribuir para a mitigação da desigualdade de gênero no campo acadêmico científico, a partir da visibilidade dos trabalhos desenvolvidos por mulheres sem fazer uso de linguagem sexista ou andrógena. Para apresentar e incentivar a comunidade, de forma geral, o uso de palavras genéricas, do tipo: humanidade, pessoas, discente, coordenação, corpo docente (dentre outros), foram produzidos e divulgados em diferentes espaços institucionais, materiais informativos e educativos, com linguagem neutra e simples. Além de mostrar a essencialidade/benefícios do uso da linguagem neutra e inclusiva, é almejado contribuir para desconstrução um legado patriarcal e androcêntrico sobre a linguagem de gênero ainda presente na sociedade valorizando e adotando também a linguagem simples para expressar e comunicar a importância deste tema com a sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foi visto que houve a participação significativa e interação das pessoas, tanto nas *lives* via plataforma YouTube como nas publicações semanais via Instagram, além disso, destaca-se que para melhor detalhamento dessas atividades, foi necessário fazer listagem desses estudos desenvolvidas e dos resultados obtidos. A seguir, tem-se essa explanação.

Descrição das atividades e dos resultados obtidos com a educadora Patrícia Lessa:

A conversa ocorreu no dia 25/10/2021 às 19:00 horas, com a temática “Linguagem neutra: uma escrita impessoal, não exclusiva” com a participação da educadora feminista Patrícia Lessa, em que essa conversa foi conduzida pela discente Cristiane Pereira e a temática abordada foi: “Elementos para uma gramática não androcêntrica”. Essa conversa contou com a apresentação da convidada, assim como relatos das suas vivências durante a sua trajetória profissional e pessoal. Nesse sentido, ela relatou a sua ligação atual como docente na Universidade de Maringá, e com pesquisas sobre epistemologia feminista. Além disso, declarou que as suas vivências com o mundo feminino não são recentes, visto que tem pesquisado e

estudado sobre a escrita feminina desde o período escolar, buscando também, o seu próprio processo de evolução.

Ainda, dando ênfase em algumas das suas vastas experiências, foi visto que a Patrícia trabalhou em escolas e com projetos de extensão, publicou um livro voltado para a literatura infantil chamado “Resgate do touro vermelho” e expandiu a sua carreira profissional, formando-se em licenciatura em História e fazendo pós-doutorado em letras, enfatizando assim, o seu estudo sobre linguagens não sexistas. Ainda, a educadora falou da importância de se usar a linguagem inclusiva como forma de desconstruir a desigualdade e o desrespeito na sociedade, além também de evidenciar o conhecimento como uma das principais formas de avançar os estudos e o saber relacionado a essa temática sobre equidade. Portanto, pode-se concluir que esse encontro com a educadora Patrícia Lessa foi enriquecedor e auxiliou na expansão da importância sobre linguagem inclusiva e equidade de gênero.

Nesse sentido, no que diz respeito a descrição dos dados obtidos das pessoas inscritas foi possível perceber que do total das pessoas que se inscreveram, cerca de 79% são do sexo feminino, enquanto que a porcentagem referente ao sexo masculino correspondeu a 21% da totalidade. Analisou-se também que as 29 pessoas inscritas são de 4 estados distintos sendo a grande maioria do estado de Pernambuco com a porcentagem de 72%, Ceará com 17%, Bahia com 7% e Rio de Janeiro aproximadamente 4%.

Constatou-se que das pessoas inscritas, 50% corresponde a estudantes, 18% profissionais e 32% ao público geral. Verificou-se que das instituições onde as pessoas inscritas são vinculadas, a Universidade Federal do Vale do São Francisco corresponde a aproximadamente 66% do total, o Centro Universitário Doutor Leão Sampaio a 10% enquanto que o CODAI/Universidade Federal Rural de Pernambuco, Estácio de Sá, Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central, Faculdade de Juazeiro do Norte, Faculdade de Medicina de Juazeiro, Faculdade Conceito Educacional e Universidade do Estado da Bahia representaram aproximadamente 3,4%. Verificou-se também que as pessoas ligadas a graduação correspondem a 59% do total, doutorado corresponde a 7% do total enquanto que ensino médio equivale a 14% e pessoas ligadas a especialização/pós-graduação a 7%, mestrado a 10% e técnico a 3%.

Verificou-se que 11% das pessoas inscritas são vinculadas às ciências exatas e da Terra, enquanto que as ciências da saúde, ciências humanas, linguística, letras e artes e ciências aplicadas correspondem a aproximadamente 3,5% do total cada uma, enquanto que a

porcentagem de pessoas relacionadas as engenharias foi de 43% do total, e área não especificada a 32%. Em relação ao detalhamento da área profissional foi verificado que a porcentagem das pessoas ligadas a administração hospitalar equivale a aproximadamente 3,5% do total, assim como artes, ciência da computação, Direito, matemática, Probabilidade e Estatística, Psicologia, Relações Públicas e Saúde coletiva cada, enquanto que ciências correspondeu a 7% do total, Engenharia de Produção a 43%, e outras especificidades a 18%. Em relação a porcentagem das cidades, foi visto que Salgueiro foi a cidade que teve mais pessoas inscritas com 43% do total, ficando a cidade de Juazeiro do Norte com a segunda maior porcentagem com 14%, Cedro com 11% e as cidades de Andorinha, Barbalha, Juazeiro, Pombos, Recife, Santa Filomena e Serrita, corresponderam, cada uma a, aproximadamente 3,5% do total.

Ressalta assim ainda, que até o momento da elaboração desse trabalho, a conversa com a educadora Patrícia Lessa na plataforma YouTube totalizam 97 visualizações.

Descrição das atividades e dos resultados obtidos com a comunicadora especializada em gênero Júlia Latorre:

A conversa foi ministrada pela discente Cristiane Pereira e ocorreu no dia 10/11/2021 às 19 horas, com a participação da palestrante Júlia Latorre com o seguinte tema: “Introdução à comunicação com perspectiva de gênero e suas interseccional idades”. Nesse encontro, foi mostrado a trajetória profissional da convidada Júlia, em que ela relatou trabalhar com comunicação, criação e colaboração de conteúdo como por exemplo, a criação do seu blog e a sua especialidade em gênero assim como a sua formação numa universidade de Barcelona, além também de ser formada em jornalismo. Ademais, foi apresentado contextos importantes e as interseccional idades que cercam a trajetória das pessoas, principalmente das mulheres tais como a raça, classe e pensamento decolonial, e muitas vezes, a intersecção desses termos. Ainda, foi abordado também conceitos cruciais tais como o significado de inclusão, diversidade e representatividade.

Nesse sentido, é válido ressaltar também que esse encontro girou em torno do respeito de gênero, ou seja, da desconstrução patriarcal imposta pela sociedade além de notícias recentes sobre o tema, ressaltando a essencialidade da discussão desse conteúdo, uma vez que impasses relacionados às perspectivas de gênero não foram atenuados. Ainda, foram abordados assuntos ligados à linguagem inclusiva e não sexista e sobre a gordofobia.

Portanto, percebe-se que esse encontro se mostrou essencial e necessário, uma vez que a jornalista Júlia abordou problemáticas que há muito tempo se fazem presentes na sociedade como, por exemplo, a falta de equidade de gênero. Além disso, essa conversa serviu de estopim para as pessoas terem uma visão mais ampla e detalhada do assunto por uma perspectiva de uma especialista em gênero e comunicação, fazendo com que essa abordagem seja compartilhada e compreendida.

Ainda, destaca-se que das respostas obtidas das inscrições, ressalta-se que aproximadamente 69% foram estudantes, 23% foram referentes ao público geral e aproximadamente 8% relacionados aos profissionais. Ainda, foi possível observar que das pessoas inscritas 3% possuem doutorado e técnico, enquanto que graduação ficou com a maior parte das inscrições totalizando aproximadamente 63% do total e ensino médio correspondeu a 14%, mestrado a 11% e especialidade/pós-graduação com 6%. Além disso, verificou-se que referente às áreas de atuação das pessoas ciências da saúde e ciências sociais e aplicadas foram 7% cada enquanto que ciências exatas e da terra foi 17% cada, ciências humanas foi 3%; engenharias totalizando a maior parte com 33% e 33% área não especificada. Ademais, foi visto que das respostas obtidas foi 72% foi do sexo feminino e 28% do sexo masculino. No que diz respeito aos estados das pessoas que se inscreveram, Bahia ficou com 23% da porcentagem; Ceará foi 11%, Pernambuco foi 57%, Piauí foi 3% e Santa Catarina foi 6%. Referente às instituições, foi visto que UNIPLAN, CODAI/Universidade Federal Rural de Pernambuco, Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central, Faculdade de Medicina de Juazeiro do Norte e Universidade Salvador foram 3% cada; sem resposta foram 8%; centro Universitário Leão Sampaio foi 8% e Universidade Federal do Vale do São Francisco foi 69%. Referente às áreas específicas, foi visto que administração hospitalar, arquitetura e urbanismo, direito, medicina, psicologia e saúde coletiva foram 3% cada; ciências da computação e ciências foi 10%, engenharia de produção foi 33%, matemática foi 7%, não especificado foi 20% e em relação às cidades foi visto que Campo Formoso, Juazeiro, Missão Velha, Petrolina, Pombos, Salvador, Santa Filomena, São Braz do Piauí e Serrita foi correspondente a 3% cada enquanto que Cedro, Florianópolis e Terra Nova totalizaram 6%, Juazeiro do Norte 9%, Remanso foi 15%, Salgueiro 32%. Enfatiza-se ainda que até o momento da elaboração desse material, a conversa com a comunicadora Júlia Latorre totaliza 77 visualizações.

Descrição das atividades e dos resultados obtidos com a docente Mayara Benício e o servidor da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) Milton Carvalho:

A conversa ocorreu no dia 16/11/2021 às 19 horas com o tema “Como os softwares podem ajudar no aumento da independência de pessoas com deficiência visual”. Nesse encontro, a apresentação foi feita por Mayara Benício que relatou ser docente da Universidade Federal do Vale do São Francisco no campus Salgueiro do curso de Ciência da Computação, formada em Sistemas de Informação, mestre e doutoranda em engenharia de softwares e ligada também a questão de inclusão digital, da mesma forma, o convidado foi Milton Carvalho que se apresentou relatando a sua trajetória profissional. Ele é graduado em comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda pela Universidade Católica de Pernambuco e servidor da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Nesse encontro, foi abordada a questão da linguagem neutra e de como ela prejudica a leitura de frases e palavras nos softwares para as pessoas que possuem deficiência visual. Além disso, houve questionamentos acerca da essencialidade dos softwares para uma maior autonomia dos deficientes visuais. Ademais, foi mostrado a importância de se discutir esse assunto, tendo em vista que essa abordagem ainda precisa ganhar mais visibilidade. Dessa forma, pode-se concluir que essa conversa foi necessária, uma vez que é preciso compartilhar abordagens que mostram a independência e autonomia de pessoas com deficiência visual, além de ser um assunto que nutre a diversidade, respeito e inclusão das pessoas com deficiência.

No que tange as análises das pessoas inscritas nessa conversa, foi visto que 71% correspondeu ao sexo feminino e 29% ao sexo masculino. Além disso, 14% do total de pessoas inscritas possuem ensino médio e mestrado, enquanto que especialista/pós graduação foi 5% e graduação com 67%. No que se refere aos estados das pessoas que responderam foi visto que Bahia correspondeu a 10% do total, Ceará com 14% e Pernambuco com aproximadamente 76%. A respeito das instituições, foi visto que CODAI/Universidade Federal Rural de Pernambuco, Estácio de Sá, não especificado, Universidade de Pernambuco, Universidade Salvador e Instituto de Socioeconomia Solidária corresponderam a 5% do total, enquanto que a Universidade federal do Vale do São Francisco ficou com 57% do total e Centro Universitário Leão Sampaio a 14% do total. No que tange às cidades foi visto que as cidades de Cedro e Juazeiro do Norte corresponderam a 15% cada enquanto que Juazeiro, Pombos, Salvador, Santa Filomena, Serrita e Terra Nova foram 5% cada e Salgueiro correspondeu a 40% do total. Além

disso, ressalta-se que até o momento da elaboração desse material, a conversa com Mayara Benício e Milton Carvalho totalizam 46 visualizações na plataforma YouTube.

Relatório das publicações via Instagram

Tendo em vista que o Instagram é uma rede social utilizada com frequência pelas pessoas, foi decidido que esse meio seria fonte de propagação sobre a linguagem neutra. Dessa forma, as publicações são feitas e publicadas semanalmente, por mim, Cristiane Pereira no feed do perfil (@sertanejas.insistem) com temas e assuntos sobre linguagem inclusiva. Dessa forma, segue as informações acerca dessas publicações:

PUBLICAÇÃO 01: Foi feita no dia 16/09/2021 em que foi apresentado o significado do termo “linguagem neutra” e foi apresentado exemplos de frases sexistas e não sexistas como por exemplo a troca da frase “convoco todos os professores para uma reunião” para “convoco o corpo docente ou convoco o professorado para uma reunião”

PUBLICAÇÃO 02: Foi feita no dia 23/09/2021 com o assunto sobre a importância de utilizar a linguagem neutra. Dessa forma foi dito que a linguagem inclusiva promove a inclusão de mulheres na sociedade, promove a visibilidade das mulheres e auxilia a expansão de uma linguagem não sexista e generalizada, auxilia na luta contra a discriminação entre homens e mulheres e promove a equidade de gênero.

PUBLICAÇÃO 03: Foi feita do dia 05/10/2021 em que foram expostos pensamentos sobre o sexismo na linguagem como por exemplo frases por pensadores como por exemplo Simone de Beauvoir, Maria Angeles Calero e Marcos Bagno.

PUBLICAÇÃO 04: Foi feita no dia 07/10/2021 com a temática sobre a colaboração da disseminação da linguagem inclusiva, o qual destaca-se como uma das diversas alternativas é usar frase/palavras livres de estereótipos como por exemplo no lugar de dizer “seja bem-vindo” preferir dizer: “nossas boas-vindas”

PUBLICAÇÃO 05: Foi feita do dia 14/10/2021 com a exposição de exemplos de frases não sexistas, como por exemplo trocar a frase “o homem deve preservar a natureza ” por “ as pessoas devem preservar a natureza”.

PUBLICAÇÃO 06: Foi feita no dia 21/10/2021 mostrando como colaborar com a disseminação da linguagem inclusiva como por exemplo no lugar de dizer “prezados senhores” falar “prezadas senhoras e prezados senhores”.

PUBLICAÇÃO 07: Foi feita no dia 28/10/2021 em que o assunto mostrou que o uso do “X” e do “@” não são considerados recursos inclusivos e foi sugerido a troca desses termos como por exemplo no lugar de dizer “@s menino@s” prefira dizer: “As crianças”.

PUBLICAÇÃO 08: Foi feita no dia 04/11/2021 com o tema: Linguagem androcêntrica. em que foi abordado o conceito de linguagem androcêntrica cujo termo pode ser entendido como um termo utilizado para se referir a figura do homem com única e coletiva.

PUBLICAÇÃO 09: Foi feita no dia 11/11/2021 com o tema: diferença entre linguagem neutra e linguagem inclusiva em que foi destacado que a linguagem inclusiva significa aquela tem que tem o objetivo de incluir todas as pessoas de um grupo sem alterar a língua que conhecemos, por outro a linguagem neutra embora tenha o mesmo significado da linguagem inclusiva, essa propõe a modificação da língua.

PUBLICAÇÃO 10: Foi feita no dia 18/11/2021 com o tema de sugestões de materiais para leitura em que foram sugeridos tais materiais: Manual para uso não sexista da linguagem, guia de linguagem inclusiva para flexão de gênero e o livro “Inclusifique: como a inclusão e diversidade podem trazer mais inovação a sua empresa”.

PUBLICAÇÃO 11: Foi feita no dia 25/11/2021 com o tema leis que abordam o assunto foi abordado o decreto de DECRETO Nº 49.994, e da lei Nº12.605 em que falam, respectivamente sobre abolir as práticas depreciativas dirigidas às mulheres e o emprego obrigatório da flexão de gênero para nomear profissão ou grau em diplomas.

PUBLICAÇÃO 12: Foi dia 02/11/2021 com indicação de leitura sobre o assunto o qual foi indicado o livro “Orientações para o uso de uma linguagem inclusiva”.

PUBLICAÇÃO 13: Foi feita no dia 09/12/2021 com a indicação de filme sobre o assunto em que foi indicado o filme com o título: “Como estrelas na Terra”, cuja obra relata a vida de Ishaan Awasyhi, um garoto que sofre de dislexia.

PUBLICAÇÃO 14: Foi feita no dia 16/12/2021 com a indicação de filme em que foi indicado o filme “o milagre de Anne Sullivan” cuja obra conta a história de uma menina cega e surda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, observa-se que esse estudo envolvendo a linguagem neutra e as suas ramificações trouxeram discussões importantes para serem refletidas, uma vez que assuntos como esses, muitas vezes, são desconhecidos e/ou ignorados. Além disso, auxiliou na propagação, compreensão e utilização da linguagem neutra, inclusiva e não sexista mais especificamente na contribuição da mitigação da desigualdade de gênero no campo acadêmico científico. Ainda, proporcionou visibilidade aos trabalhos desenvolvidos por mulheres sem o uso de palavras sexistas e/ou andrógenas e incentivou a comunidade geral a utilização de palavras genéricas, como por exemplo, coletividade, humanidade, corpo docente e entre outras. Ademais, valorizou e adotou linguagem simples para expressão e comunicação da importância desses assuntos para as pessoas vinculadas ao Projeto, divulgou na comunidade acadêmica e em outros espaços educacionais materiais informativos sobre a linguagem inclusiva com abordagens construídas e desenvolvidas ao longo do Projeto, desconstruiu um legado patriarcal e androcêntrico sobre a linguagem de gênero e ainda, evidenciou a essencialidade e os benefícios do uso da linguagem neutra e inclusiva.

REFERÊNCIAS

- ANSARA, Y. G.; HEGARTY, P. Methodologies of misgendering: Recommendations for reducing cisgenderism in psychological research. **Feminism & Psychology**, v. 24, n. 2, p. 259-270, 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0959353514526217>. Acesso em: 27 mar. 2022.
- BORODITSKY, L.; SCHMIDT, L. A.; PHILLIPS, W. Sex, syntax, and semantics. **Language in mind: Advances in the study of language and thought**, v. 7, p. 61-79, 2003.

EATON, A. A. *et al.* Social power and attitude strength over the life course. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 35, n. 12, p. 1646-1660, 2009. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0146167209349114>. Acesso em: 27 mar. 2022.

HYDE, J. S. Children's understanding of sexist language. **Developmental psychology**, v. 20, n. 4, p. 697, 1984. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1984-25609-001>. Acesso em: 27 mar. 2022.

JOST, J. T.; BANAJI, M. R.; NOSEK, B. A. A decade of system justification theory: Accumulated evidence of conscious and unconscious bolstering of the status quo. **Political psychology**, v. 25, n. 6, p. 881-919, 2004. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9221.2004.00402.x>. Acesso em: 27 mar. 2022.

MACKAY, D. G. Psychology, prescriptive grammar, and the pronoun problem. **American Psychologist**, v. 35, n. 5, p. 444, 1980. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1980-11620-001>. Acesso em: 27 mar. 2022.

MOULTON, J. *et al.* Psychology in action: Sex bias in language use. **American Psychologist**, v. 33, n. 11, p. 1032-36, 1978. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ191702>. Acesso em: 27 mar. 2022

MURDOCK, N. L.; FORSYTH, D. R. IS GENDER-BIASED LANGUAGE SEXIST? A PERCEPTUAL APPROACH. **Psychology of Women Quarterly**, v. 9, n. 1, p. 39-49, 1985. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1471-6402.1985.tb00859.x>. Acesso em: 27 mar. 2022

PATERSON, L. **British pronoun use, prescription, and processing: Linguistic and social influences affecting 'they' and 'he'**. London: Palgrave Macmillan, 2014.

PHILLIPS, J. L. More on the pronoun problem. **American Psychological Association**, Washington DC, 1981. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1980-11620-001>. Acesso em: 27 mar. 2022.

STAHLBERG, D. *et al.* Representation of the sexes in language. *In*: FIEDLER, K. (Ed.), **Social communication: volume in the series Frontiers of Social Psychology**. New York: Psychology Press, 2007. p. 163-187.

VISSER, P. S.; KROSNICK, J. A. Development of attitude strength over the life cycle: surge and decline. **Journal of personality and social psychology**, v. 75, n. 6, p. 1389-1998. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0022-3514.75.6.1389>. Acesso em: 27 mar. 2022.

Artigo recebido em: 15 de abril de 2022.

Artigo aprovado em: 29 de abril de 2022.